



Ernani Quirino de Oliveira

***DIÁRIO DO HOSPÍCIO E CEMITÉRIO DOS
VIVOS: O TRATAMENTO MANICOMIAL
SEGUNDO LIMA BARRETO***

Lavras – MG

2021

Ernani Quirino de Oliveira

DIÁRIO DO HOSPÍCIO E CEMITÉRIO DOS VIVOS: O
TRATAMENTO MANICOMIAL SEGUNDO LIMA BARRETO

Trabalho apresentado ao curso de Letras/Português da Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientador (a): Prof. Dr. Rodrigo Garcia
Barbosa

Lavras – MG
2021

*Dedico este trabalho a
José Roberto Quirino*

Agradecimento

Agradeço minha família pelo apoio e compreensão neste período de ausência para a conquista deste objetivo.

Ao colega Flávio Maia Custódio pelo suporte e orientações essenciais durante nosso convívio acadêmico.

Ao professor Dr. Rodrigo Garcia Barbosa, especial agradecimento pela indicação de Lima Barreto. Agradeço por sua dedicação e auxílio, fundamentais para a elaboração deste trabalho.

Resumo

O presente trabalho tem como proposta fazer uma análise das obras *Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos*, ambas de autoria de Afonso Henriques de Lima Barreto resultantes da segunda internação do autor no Hospital Nacional dos Alienados (Rio de Janeiro), escritas no ambiente manicomial e que possuem, além da importância literária, a importância histórica pelos relatos extraoficiais do tratamento psiquiátrico. O escritor evidencia em sua obra literária o contexto deste ambiente de maneira crítica sobre o funcionamento e tratamento dispensado aos pacientes deste estabelecimento de saúde, durante sua permanência. A metodologia utilizada nesta pesquisa é o levantamento bibliográfico em livros e artigos de revistas acadêmicas que tratam do assunto. Este trabalho visa evidenciar a importância destas obras da literatura brasileira como sendo um convite para a sociedade olhar a realidade das condições dos manicômios no início do século XX.

Palavras-chave: Lima Barreto, Alcoolismo, Eugenia, Loucura, Ficção.

Abstract

The present work proposes an analysis of the works *Diário do Hospício* and *Cemitério dos Vivos*, both by Afonso Henriques de Lima Barreto, resulting from the author's second hospitalization at the Hospital Nacional dos Alienados (Rio de Janeiro), written in the asylum and which possess, in addition to literary importance, the historical importance of unofficial reports of psychiatric treatment. The writer highlights in his literary work the context of this environment in a critical way about the operation and treatment given to patients in this health establishment, during their stay. The methodology used in this research is the bibliographic survey in books and articles from academic journals that deal with the subject. This work aims to highlight the importance of these works in Brazilian literature as an invitation for society to look at the reality of the conditions of asylums in the early 20th century.

Palavras-chave: Lima Barreto, Alcoholism, Eugenics, Madness, Fiction.

Sumário

1	Introdução.....	6
2	Primeiros passos do alienismo brasileiro.....	7
3	Lima Barreto: os limites autobiográficos em sua ficção.....	11
4	Diário do Hospício & Cemitério dos Vivos.....	14
5	Breve relato da história da psiquiatria brasileira: de Simão Bacamarte a Vicente Mascarenhas.....	17
6	O alcoolismo e a hereditariedade do século XIX.....	20
7	Infortúnios hereditários de Lima Barreto.....	22
8	Lúcida lucidez.....	24
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

1 Introdução

Um dos mais importantes autores da literatura brasileira, Afonso Henriques de Lima Barreto já foi tratado como louco por seus contemporâneos, em uma época em que os tratamentos para doenças mentais ainda estavam muito incipientes em nível mundial. Nesta época, umas das definições da loucura, utilizadas até então, e que se aplica ao nosso autor, é não seguir os padrões da sociedade, não ser um modelo dentro da sociedade

Assim, o trabalho procura seguir com o objetivo proposto por seu título, apresentar Lima Barreto com suas dores e com seu amor pela literatura. Para isso, o que se propõe é analisar as obras *Diário do hospício* e *Cemitério dos vivos* de Lima Barreto em seu contexto histórico, a partir de temas que são pertinentes ao assunto que abordam, o contexto da organização e das condições do tratamento da loucura percebidos pelo escritor durante sua internação no ano de 1919 no Hospital Nacional dos Alienados (Rio de Janeiro) e registrado por ele em suas obras.

Assim, se faz necessário visitar brevemente o início da história da saúde pública brasileira no que tange à loucura, também chamada de alienismo, que, posteriormente, veio a se tornar a especialização médica que hoje é chamada de psiquiatria. Esta breve visita oferece subsídios para a compreensão do ambiente narrado pelo escritor nas obras estudadas, sendo um diário e um romance ficcional, ambos com tendências autobiográficas.

O tema loucura é também abordado por Machado de Assis na obra “O alienista”, que será utilizada como referência sobre a visão do tratamento dispensado no século XIX e, ao mesmo tempo, possibilitar a comparação em alguns aspectos com o testemunho de Lima Barreto.

O autor está envolto em outros temas estigmatizantes para o seu tempo, como sua raça, a doença de sua mãe, o alcoolismo e a loucura (sua e de seu pai), todos marcados pela discussão eugenista e de hereditariedade vigentes naquele período. Da certeza de não ser louco apresentada por Lima Barreto surge nestas obras, desenhadas em seu “descanso” durante sua internação, assim definido pelo escritor, a dúvida de sua loucura.

Para o desenvolvimento deste trabalho a principal referência foi a obra de Lilia Schwarcz *O triste visionário* (2017), dada sua completude em sua proposta de mostrar detalhadamente acontecimentos da vida do escritor. De igual contribuição para a sustentação deste trabalho, Alfredo Bosi, autor do prefácio da obra estudada “Cemitério dos vivos: testemunho e ficção” e; Antonio Candido, em sua obra *A educação pela noite & outros ensaios*, em seu capítulo “Os olhos, a barca e o espelho”, dedicado a Lima Barreto; imprescindíveis para a compreensão do caráter testemunho confessional e dos aspectos ficcionais da obra de Lima Barreto.

Diante da proposta de situar o contexto histórico da psiquiatria brasileira, e do Brasil, no período entre século XIX e início do século XX, alguns autores foram fundamentais. Os trabalhos de Arantes; Facchinetti, Godim, Ribeiro e Muñoz; Miranda-Sá Júnior; Oda e Dagalarrondo; Santos e Verani contribuíram profundamente para o entendimento sobre questões relacionadas à saúde pública, mais especificamente alcoolismo e loucura, tanto quanto as teorias vigentes neste período como, por exemplo, sobre a eugenia e hereditariedade que exerceram grande influência sobre Lima Barreto.

Aproveitando este olhar endogênico daquilo que era considerado como o correto pela ciência daquele período, através do olhar crítico de Lima Barreto, este trabalho procura na realidade apresentada pela obra *Diário do Hospício* e a partir do mundo da fantasia que a ficção permite, em *Cemitério dos vivos*, conhecer e compreender melhor a rotina daqueles que passam pela internação manicomial através do testemunho de Lima Barreto sobre sua vida durante sua segunda internação.

2 Primeiros passos do alienismo brasileiro

Após o advento da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, a doença mental se tornou especialidade da prática médica. O médico francês Philippe Pinel (1745 – 1826), fundador da psiquiatria moderna, defendia o tratamento moral da loucura, que necessitava de um ambiente adequado para acontecer. Este novo tratamento modificou o patamar de doença irremediável para a ótica de doença com status passível de cura, caso

o paciente fosse tratado adequadamente. Já Étienne Esquirol (1772 - 1840), seguidor de Pinel, defendia serem necessárias condições físicas e higiênicas apropriadas para que os hospícios pudessem funcionar.

Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil em 1808, houve grandes alterações administrativas que acarretaram súbito processo de urbanização, mudando drasticamente o cenário das principais cidades e, conseqüentemente, revelando sérios problemas sanitários. A cidade do Rio de Janeiro e seu porto se tornaram importante centro estratégico de conexão para as grandes viagens da época. A Baía da Guanabara se mostrou um local calmo e amigável para servir de entreposto para reabastecimento e reparos, necessários para a segurança das viagens. A cidade era frequentemente relatada como sendo dona de uma natureza e vegetação imponente e tranquila, mas acumulava problemas como umidade e sujeira, segundo o historiador Oliveira Lima: “A limpeza da cidade estava toda confiada aos urubus” (LIMA *apud* GOMES, 2007, p. 140.) A situação da saúde pública e as condições básicas de higiene da população eram inaceitáveis mesmo para o período. Diversas doenças eram endêmicas:

[...] sarna, erisipelas, empigens, boubas, morphéa, elefantíase, formigueiro, bico dos pés, edemas das pernas, hidrocele, sacocelo, lombrigas, érnias, leuchorréa, dysmnorréa, hemorroidas, dispesia, vários efeitos convulsivos, hepatites e diferentes sortes de febres intermitentes e remitentes... (GOMES, 2007, p. 146)

Havia ainda a bexiga (varíola) e tuberculose. O caso em tela era agravado pela falta de médicos graduados, a primeira Universidade de Medicina do país foi a Escola de Cirurgia da Bahia (18/02/1808) seguida pela Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia no Rio de Janeiro (05/11/1808).

Antes deste processo de urbanização que viveu o país, os pacientes que possuíam algum desvio psiquiátrico ficavam despercebidos em ambientes rurais, porém, se tornaram percebidos dentro da nova realidade urbana. Visibilidade que trouxe questionamentos e pressões sociais sobre a circulação destas pessoas nos locais públicos. Esquirol entendia que as grandes mudanças que aconteceram no modo de vida das pessoas, causadas pelos processos desorganizados de intensa e rápida urbanização, poderiam justificar o grande aumento de casos de alienados nas grandes cidades europeias.

Segundo Luiz Salvador de Miranda-Sá Jr. (2007), a assistência psiquiátrica brasileira inicia sua história no período colonial de maneira bastante precária sendo praticada por curandeiros e sacerdotes em determinado período da história. Os atendimentos realizados por médicos formados, cirurgiões ou barbeiros licenciados aconteciam somente nas grandes cidades e seus pacientes eram pessoas das classes sociais mais abastadas. Incluindo a psiquiatria, não havia especialistas, assim, aqueles indivíduos que destoavam dos comportamentos sociais vigentes poderiam ser recolhidos em cadeias, em cômodos de suas residências ou em hospitais de caridade que pertenciam à Irmandade das Santas Casas de Misericórdia, que recebia os que mais necessitavam. Até o século XVIII os hospitais exerciam função de albergues para os mais necessitados. Porém, os atendimentos nestes hospitais eram realizados em baixas condições sanitárias, estar acolhido não significava receber o tratamento apropriado, não havendo vantagem sobre aquele ofertado nas cadeias públicas.

Era comum pessoas acometidas por algum desvio comportamental, que não apresentavam condutas agressivas ou perigosas, circularem pelas ruas do Rio de Janeiro. Tal costume gerou preocupação para os cidadãos e crescente debate sobre o tema. O médico francês Joseph-François-Xavier Sigaud (1796-1856) foi um crítico da não restrição da circulação das pessoas consideradas alienadas e defendia que a criação de um hospício solucionaria este problema recolhendo estas pessoas. Este local deveria oferecer condições mais adequadas do que as que estavam disponíveis, como, por exemplo, recolher estes pacientes à Cadeia Pública ou às enfermarias da Santa Casa de Misericórdia, onde os loucos eram encarcerados em pequenas celas em condições insalubres (ODA; DALGALARRONDO, 2005)

Segundo ODA e DALGALARRONDO o tratamento era caro e difícil de ser custeado pelas famílias, então, no ano de 1841, o decreto de inauguração do Hospício D. Pedro II, no Rio de Janeiro, foi publicado, sendo inaugurado apenas dez anos mais tarde, no ano de 1852, tornando-se um estabelecimento de referência no tratamento e recuperação dos doentes, inclusive recebendo pacientes encaminhados de outras regiões do império. Localizado em um sítio distante da cidade, o Hospício Pedro II foi construído na baía de Botafogo, de frente para o mar e circulado por montanhas arborizadas. Inspirado na *Maison Nationale* de Charenton, sediado em um dos mais belos palácios da época, em contraste com a falta de tratamentos eficazes e à pobreza dos pacientes. Foi o primeiro hospício exclusivo dedicado ao tratamento psiquiátrico. Na segunda metade do

século XIX foram criados outros hospícios exclusivos nas principais cidades brasileiras, como São Paulo (1852), Recife (1864), Belém (1873), Salvador (1874), Porto Alegre (1884) e Fortaleza (1886). Ainda que fossem identificados como locais para tratamento de enfermos, estes locais se assemelhavam mais às cadeias. Não havia neles médicos, que apenas começaram a marcar presença nestes espaços depois da proclamação da República e assumiram efetivamente a administração destes locais no início do século XX – os hospícios deixaram de ser locais em que pesavam a caridade e a assistência para assumir seu papel principal de instituições de cunho científico que visavam a prestação de atendimento médico especializado, aplicando a prática médica então disponível e reconhecida como a melhor técnica em benefício dos pacientes.

Ao final do século XIX havia um crescente número de internos, sendo as vagas insuficientes e a condição de vida muito ruim, com recursos financeiros insuficientes para a demanda. Os tratamentos alcançavam níveis insatisfatórios de cura e os pacientes internados nos hospícios, em sua maioria, tinham o óbito como destino. A quantidade de altas médicas era maior nos homens, enquanto o nível de óbitos em mulheres era mais elevado. Isso se dava pelo fato dos tratamentos dedicados às mulheres serem, em média, por um período de tempo maior, fazendo com que sucumbissem às condições insalubres, ficando expostas as diversas doenças endêmicas que permeavam estes locais. (ODA, DALGALARRONDO, 2004)

Em 1903 foi editado o Decreto nº 1.132, que teve como relator o médico e deputado João Carlos Teixeira Brandão, que desempenhou importante papel na reorganização do amparo aos alienados. Este decreto proibiu a detenção de doentes mentais nas cadeias, definindo os hospícios como lugar autorizado a receber tais pacientes. Neste decreto também foi determinado que o paciente não poderia interferir ou, até mesmo conhecer, o tratamento que lhe seria aplicado

No início do século XX havia questionamentos da psiquiatria sobre a relação entre alcoolismo e desordem mental. Algumas teorias foram estabelecidas sobre isso, sendo questionado se o álcool seria responsável pela loucura ou apenas um fator desencadeante de uma patologia pré-existente: “Nos desequilibrados mentais, o álcool exerce uma função nociva. Lasègue afirmava que o álcool é a pedra de toque dos degenerados, fazendo alusão à ruptura do equilíbrio funcional do espírito” (NÉRI *apud* SANTOS; VERANI, 2010, p. 403).

O alcoolismo poderia ser originado por fatores hereditários, entendimento apresentado por Auguste Morel em sua produção “Tratado de hereditariedade” (1850), uma predisposição genética que levaria a pessoa a ceder ao vício da bebida. Assim como, também, se discutia sobre como o meio social em que o indivíduo estava inserido poderia contribuir para a dependência. A ideia era de que o alcoolismo fosse uma doença social em que os efeitos não se atinham ao indivíduo, mas que, além dele, a sociedade também sofreria seus efeitos prejudicando o todo. O indivíduo afetado não desempenhava seu papel familiar e social, não cumprindo seus deveres nem responsabilidades. Portanto, o alcoolismo começa a ser observado como um problema social, devendo ser afastado da definição médica para ser tratado como pertencente a problemas sociais. (MEDEIROS *apud* SANTOS; VERANI, 2010, p. 412)

A estratégia adotada para o tratamento era afastar o paciente de seu círculo social, afastando do consumo das bebidas, oferecendo alimentação adequada, regular e manutenção de repouso; sendo estas as recomendações apropriadas para a possibilidade de cura e retorno do indivíduo ao convívio social. A assistência psiquiátrica somente conseguiu apresentar resultados eficazes depois que foram descobertos psicofármacos, em meados do século XX permitindo transformar pacientes portadores de grandes psicoses em pacientes que poderiam ser tratados em ambiente ambulatorial, diminuindo seu sofrimento mental.

O contexto do alienismo brasileiro do século XIX se estendeu até meados do século XX praticamente inalterado, assim, esta foi a realidade vivida por Lima Barreto em suas internações manicomiais em 1914 e 1919. Internações que foram temas nas obras literárias *Diário do Hospício e Cemitério dos vivos* e também em contos e crônicas, nos quais o escritor recorreu às suas vivências pessoais como fonte inspiradora para sua produção ficcional.

3 Lima Barreto: os limites autobiográficos em sua ficção

Segundo Schwarcz, Afonso Henriques de Lima Barreto, filho de Amália Augusta e de João Henriques de Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881. Data coincidente com libertação das pessoas escravizadas no Brasil, realizada alguns anos depois e tema

que seria constantemente tratado em suas obras. Viveu em sua infância os anos finais da escravidão em território brasileiro, percebeu durante toda sua vida o racismo intenso e enraizado na cultura brasileira. Viveu em um período de grandes acontecimentos na história brasileira, que iriam influenciar diretamente as próximas décadas acarretando mudanças no modo de vida de toda a população. Seu pai esteve, de certa forma, muito próximo de alguns destes acontecimentos, que acabaram por influenciar diretamente a vida de sua família, permitindo a Lima Barreto envolver-se com eles. Envolvimento físico e emocional, que levaria o escritor a retornar frequentemente a seu passado para lembrá-lo em sua obra – assim, “autodenominada ‘militante’ e ‘biográfica’, Lima Barreto acabou se tornando seus próprios personagens” (SCHWARCZ, 2017, pos. 173).

O casamento de seus pais foi realizado no ano de 1878. Diante da proximidade de seu casamento, João Henriques manifestou o que no futuro seria diagnosticado como surto psicótico. O temor de não conseguir oferecer o sustento adequado e a manutenção da qualidade de vida a que estava acostumada Amália Augusta, resultou em alguns sofrimentos mentais associados a um quadro de ansiedade e depressão. O pai passou um período de seis meses internado em uma Casa de Saúde no Catete e, posteriormente, foi para a cidade mineira de Caxambu para finalizar sua recuperação. Após esse período, retornou ao Rio de Janeiro para o casamento. Após o casamento a nova família se estabeleceu na rua Ipiranga, onde sua mãe criou a Escola Santa Rosa, voltada para a educação de meninas, e seu pai prosseguiu sua carreira profissional de tipógrafo. (SCHWARCZ, 2017)

A infância de Lima Barreto foi marcada por diversas mudanças de endereço em busca de melhores condições e tratamento de saúde para sua mãe, Amália Augusta, que sucumbiu à tuberculose em 1887 – doença que, diante de sua grande disseminação entre as classes mais pobres, ficou conhecida como “a praga dos pobres”. A tuberculose e a loucura eram doenças geradoras de grandes preconceitos e, segundo teorias vigentes, indicavam fraquezas causadas pela miscigenação, a raça mestiça era considerada inferior e susceptível a fatores hereditários condicionantes para algumas patologias. Com a proclamação da república, seu pai, ligado a grupos monarquistas e envolvido nas turbulências daqueles momentos, no conto “A sombra do Romariz” (Careta, 1922) seu pai participa como o personagem Brandão que relata a busca no edifício do jornal A Tribuna. Aliás, o trabalho na Tribuna Liberal foi o último trabalho de João Henriques

como tipógrafo. Amparado por amigos, logo seguiu para a distante ilha do Governador para atuar como administrador da Colônia dos Alienados.¹

Lima Barreto estudou no Liceu Niteroiense e este foi o período que mais sentiu a diferenciação causada pela sua cor e condição social. As lembranças da Ilha do Governador foram constante fonte de inspiração para suas obras, era um local onde se sentia à vontade e feliz por estar junto de sua família. *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911) tem seu personagem principal inspirado em seu pai, com sua capacidade de se dedicar simultaneamente a vários projetos, o nacionalismo, a agricultura – o “Sítio do Sossego”, do romance, sofreu com as formigas saúvas, assim como a ilha da infância. Na crônica “Manuel de Oliveira” (rev. Santa Cruz, 1921), Lima Barreto narra a vida do amigo homônimo, interno da colônia, com o qual conviveu por três décadas. Na crônica “O Estrela” Lima Barreto relembra do período turbulento da Revolta da Armada e os acontecimentos que envolveram as colônias dos alienados na ilha do Governador, em que seu pai foi diretamente envolvido ao ter que tratar com os militares revoltosos e administrar sozinho a colônia naqueles difíceis tempos. A Revolta das Armadas também foi tema visitado na obra *Triste fim de Policarpo Quaresma* e, em ambas, a figura de seu pai esteve presente.²

A obra *Diário Íntimo* se origina de anotações pessoais de Lima Barreto durante o período de 1900 a 1920, e foi organizada por Francisco Assis Barbosa. Nesta obra, o caráter autoficcional

.sobressai quando o autor descreve as mudanças sucedidas na cidade e nos costumes do Rio de Janeiro relatando sua vivência neste período e de que maneira intensa a urbanização e a modernização influenciaram nas experiências vividas pela população. Os registros acontecem, inclusive, em passagens de sua vida privada, em seu foro íntimo. A vida de Lima Barreto é uma fonte inesgotável de inspiração para o autor, que busca em suas anotações e recordações acontecimentos ou observações para mesclar com o enredo de suas criações – inspiração em pessoas de seu círculo familiar ou amigos, fatos vividos ou históricos, sempre elevando sua crítica, mesclando realidade e ficção em sua obra.

¹ “Vira mundo, o mundo virou: a doença de Amália, a ascensão e queda de João Henriques”, SCHWARCZ, 2017

² “Vivendo nas colônias de alienados da Ilha do Governador”, SCHWARCZ, 2017

No ano de 1902, em suas costumeiras dificuldades estudantis e com a saúde de seu pai fragilizada com a loucura com o quadro se agravando pelo habitual consumo de bebida, Lima Barreto se viu obrigado a assumir o papel principal no sustento da família. Participou de concurso para concorrer a uma vaga de amanuense, cuja função era copiar e reproduzir textos e documentos oficiais. Nos seus tempos de estudante e frequentador de cafés e participante da “turma do contra”, Lima Barreto iniciou o consumo de cachaça no café Papagaio, onde se dizia que “até a ave a certa altura da noite ficava bêbada” (SCHWARCZ, 2017, pos. 3259). Agora, após o expediente, se tornou frequentador assíduo de bares, de onde retornava para sua casa somente nas altas horas da madrugada. Nessa época, o vício entrou em sua vida para fazer companhia até seus últimos dias.

Devido ao uso regular do parati e outras bebidas alcoólicas, sucumbiu às consequências do alcoolismo e, sofrendo alucinações, no ano de 1914, foi internado no Hospital Nacional de Alienados; e novamente em 1919. A partir desta última internação, Lima Barreto escreveu, a partir de sua experiência pessoal, o *Diário do Hospício*, em que relata de maneira transparente e crítica a forma como eram tratados os alienados. As anotações que realizou durante esta internação deram origem a outra obra ficcional autobiográfica, a romance inacabada *Cemitério dos vivos*, em que retoma as experiências vividas durante este período. Afonso Henrique de Lima Barreto faleceu em sua casa no dia de Todos os Santos, no bairro de Todos os Santos, no ano de 1922, e seu pai João Henriques de Lima Barreto, 2 dias depois.

4 Diário do Hospício & Cemitério dos Vivos

Diário do Hospício é uma obra constituída a partir dos manuscritos produzidos por Lima Barreto, o autor bebe na fonte inspiradora dos eventos vividos por ele no período de sua segunda internação no Hospício Nacional de Alienados (25/12/1919 a 02/02/1920). O texto reconstitui suas memórias no manicômio e descreve suas experiências, opiniões e pensamentos sobre os acontecimentos durante sua internação. Já a obra *Cemitério dos vivos* é um romance ficcional inacabado que se sedimenta a partir das anotações do escritor, tendo Vicente Mascarenhas como personagem que exerce a função

de narrador-protagonista, cuja vida se assemelha muito à vida de Lima Barreto. O romance acompanha a vida do personagem desde a época em que conheceu sua futura esposa, Efigênia, até sua internação no hospício. A primeira edição da obra *Diário do Hospício/Cemitério dos vivos* reunidas em um único volume foi realizada pela editora Mérito, em 1953.

Em ambos os textos, o autor explora suas experiências no hospital, desde o seu recolhimento pela polícia. Suas narrativas apresentam relatos de suas impressões e pensamentos sobre pacientes, funcionários e diretores da instituição, inclusive relacionadas aos profissionais que atuavam nela, como, por exemplo, na obra *Diário do Hospício* são citados os médicos Henrique Roxo, Humberto Gotuzzo e Juliano Moreira, os funcionários Gustavo San'Ana e João Dias Pereira, entre outros, e pacientes cujas características pessoais e episódios podem ser comprovados pelas publicações da imprensa da época.

Na obra *Diário do hospício* são relatados acontecimentos do período em que Lima Barreto esteve internado e suas observações acerca desse episódio; já em *Cemitério dos vivos*, Vicente Mascarenhas narra em primeira pessoa sua vida desde o momento em que conheceu sua futura esposa até sua internação manicomial. O personagem possui pretensões de se tornar escritor, como Lima Barreto, e também vai acabar sendo internado em um hospício em consequência do alcoolismo. Lima Barreto nunca foi casado ou teve filhos, então, extrapola a realidade no campo ficcional com a criação da personagem Efigênia, esposa de Vicente Mascarenhas, que morreu aos vinte e cinco anos, e de um filho que nasceu portador de deficiência:

“A biografia de Lima Barreto, que se conhece em detalhes graças a pesquisas meticulosas (de que a obra de Francisco Barbosa é exemplo notável), desmente de maneira cabal a existência de uma esposa ou companheira desse homem solitário, ...” (BOSI, 2017, p. 19)

A experiência manicomial do personagem Vicente Mascarenhas representa na ficção os acontecimentos vividos por Lima Barreto. Assim, o foco da romance é a crítica e a descrição do ambiente manicomial, das pessoas que lá estão, as discussões raciais, da pobreza, do alcoolismo e da relação entre médicos e pacientes. A obra pontua sobre o pensamento acerca da loucura no século XX, sobre a ideia de normalidade pela sociedade e a visão da ciência em relação às doenças psíquicas. Lima Barreto acentua o tom crítico à ciência quando observa que no hospício só havia gente negra e pobre, e também a

atuação dos médicos donos do saber ou, simplesmente, repetidores do saber de outros localizados em outros centros, não analisando a realidade vivida localmente e muitas vezes deixando de lado a questão humanizadora do atendimento a seus pacientes:

Ele me parece desses médicos brasileiros imbuídos de um certo ar de certeza, desdenhando inteiramente toda outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato por si. Acho-o muito livresco e pouco interessado em descobrir, em levantar um pouco o véu do mistério – que mistério! – que há na especialidade que professa. Lê os livros da Europa, dos Estados Unidos, talvez; mas não lê a natureza. (BARRETO, 2017, p. 37)

Lima Barreto critica a repetição do conhecimento importados de países tidos como referência pelos médicos, não realizando sobre eles qualquer análise ou ponderação e aplicando-os indistintamente, independentemente das diferenças entre o país de origem do conhecimento e da realidade vivida no Brasil, mais importa a técnica do que o indivíduo que está à sua frente, que vive e que sofre.

A narrativa proposta por Lima Barreto utiliza no diário anotações de acontecimentos vividos durante sua internação, e pode ser observada a atuação dele próprio e Tito Flamínio como narradores; e na obra ficcional de Vicente Mascarenhas. Assim, as obras apresentam personagens-narradores que carregam traços autobiográficos do escritor. Sobre essa alternância de vozes, em que o narrador assume a dimensão real ou ficcional, Antonio Candido observa:

Aliás, sob a forma pela qual conhecemos as duas obras, é difícil distinguir o plano real do plano imaginário, porque nas notas íntimas há partes que já são elaboração dos fatos, obviamente com vistas ao romance. Diríamos, então, que se *O cemitério dos vivos* pode ser considerado um esboço de romance, o *Diário do hospício* não pode ser considerado documento pessoal puro, porque a cada momento parece que o escritor está ficcionalizando a si mesmo e ao ambiente onde se encontra, a ponto de denominar a primeira pessoa narradora, ora Lima Barreto, ora Tito Flamínio, ora Vicente Mascarenhas, sendo este último o nome que acabou por fixar para o personagem central da obra projetada. (CANDIDO, 1989, p.47)

Ainda, para Alfredo Bosi, não há explicação para a troca de personagens narradores dentro do diário: “É aparentemente inexplicável essa mudança de nome em um ambiente predominantemente autobiográfico como aquele instalado nas obras analisadas (BOSI, 2017, p. 19).

5 Breve relato da história da psiquiatria brasileira de Simão Bacamarte a Vicente Mascarenhas

A novela “O Alienista”, de Machado de Assis, publicada no ano de 1882, conta a história do conceituado médico Dr. Simão Bacamarte que se propõe a estabelecer os limites entre a razão e a loucura. Os acontecimentos se passam na cidade de Itaguaí, no interior do Rio de Janeiro: “Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada.” (ASSIS, 1994, p. 2). Sendo o Brasil ainda colônia e considerando que o personagem principal recusou permanecer em Portugal a pedido do rei e da rainha D. Maria I (1777 a 1816), portanto, os acontecimentos na cidade de Itaguaí remetem ao início do século XIX. O personagem Dr. Simão Bacamarte faz referência ao tratamento da saúde mental fundamentado no tratamento asilar, na prisão dos loucos. Ainda que passado, mais de um século, Lima Barreto é internado compulsoriamente em duas oportunidades, sendo a última, inspiração para as obras *Diário do Hospício* e *Cemitério dos Vivos*. Em relação ao início do tratamento psiquiátrico no Brasil, pouco se mudou, a ponto de Lima Barreto afirmar: “é melhor empregar o processo da Idade Média: a reclusão” (BARRETO, 2017 p. 71).

Nos tempos remotos de Simão Bacamarte, o tratamento destinado aos pacientes seguia um modelo: “[...] cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa e, não curado, mas descurado até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida: os mansos andavam à solta pela rua” (ASSIS, 1994, p.2). De fato, no Brasil da primeira metade do século XIX, os portadores de doença mental poderiam ser recolhidos às cadeias públicas ou às Santas Casas de Misericórdia, como aconteceu com Lima Barreto na ocasião das suas internações: “Estive no pavilhão de Observação, que é a pior etapa de quem, como eu, entra para aqui pelas mãos da polícia” (BARRETO, 2017, p. 34), na narrativa biográfica do diário; e Vicente Mascarenhas: “Feria-me o meu amor-próprio ir ter ali pela mão da polícia” (BARRETO, 2017, p. 145); na narrativa ficcional da romance – ambos encaminhados ao sanatório pelas mãos da polícia, no carro forte, que, para este, representava “Um suplício destes, a que não se sujeita a polícia os mais repugnantes e desalmados criminosos, entretanto, ela aplica a um desgraçado que teve a infelicidade de ensandecer, às vezes, por minutos...” (BARRETO, 2017, p. 144).

Nessas observações, as duas obras revelam a maneira como se dava a internação de muitos pacientes, resquícios de práticas do século XIX, ainda presentes no início do século XX – as forças policiais eram utilizadas para recolher as pessoas e, depois, conceder-lhes destinação apropriada a cada caso: a cadeia pública ou ao hospital dos alienados, conforme necessário. Daí, surge a crítica de Lima Barreto: “Não me incomodo muito com o Hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida” (BARRETO, 2017, p. 34) deixando claro que não se incomoda com o tratamento ou com o hospício, mas com a forma como a polícia, em sua visão, se intromete e sua vida, usurpando seus direitos e liberdade: “eu não posso deixar de censurar a simplicidade dos meus parentes, que me atiraram aqui, e a ilegalidade da polícia que os ajudou” (BARRETO, 2017, p. 71).

Como observado, a saúde mental iniciou sua caminhada como especialidade médica com a atuação do Dr. Philippe Pinel, com a proposta do tratamento moral através da publicação do *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania* (1801); desta forma, sob inspiração francesa, a psiquiatria com sua metodologia asilar chegou ao Brasil. Se em Itaguaí não havia um local apropriado para o destino dos loucos, e foi necessária a construção da Casa Verde, também não havia no Brasil semelhante local, recomendado pelo Dr. Esquirol. Diante dos crescentes questionamentos da sociedade fluminense na primeira metade do século XIX, sobre a livre circulação daqueles considerados inaptos para o convívio social, foi fundado o Hospital Nacional dos Alienados em 1841, porém, somente inaugurado em 1852 para ser a referência nacional do tratamento psiquiátrico, o primeiro de muitos que logo viriam; descrito por sua imponência estrutural como sendo um dos mais belos palácios do Brasil colônia. Lima Barreto faz descrições do prédio, ressaltando a qualidade da construção, sua beleza e boa localização:

O Hospício é bem construído e, pelo tempo em que o edificaram, com bem acentuados cuidados higiênicos. As salas são claras, os quartos amplos, de acordo com a sua capacidade e destino, tudo bem arejado, com o ar azul dessa linda enseada de Botafogo que nos consola na sua imarcescível beleza, quando a olhamos levemente enrugada pelo terral, através das grades do manicômio (...).” (BARRETO, 2017, p. 40)

Porém, o autor ressalta o contraste entre a obra arquitetônica e as limitações da qualidade do serviço prestado, muitas vezes pelo elevado número de pacientes internados. O Hospital Nacional dos Alienados foi inicialmente construído para abrigar 350 internos,

sendo que habitualmente o número extrapolava em muito este limite: “O hospício é bem construído e seria adequado, se não tivesse quatro vezes o número de doentes para que foi planejado. ” (BARRETO, 2017, p. 170). A superlotação não permite atendimento adequado, fazendo com que as instalações se tornem precárias e maltratadas, direcionando para um caminho sem volta para a decadência. Dessa maneira, as condições insalubres forneciam condições propícias para a instalação de outras doenças além da loucura, relacionadas à má qualidade higiênica e sanitária:

O mobiliário, o vestuário das camas, as camas – tudo é de uma pobreza sem par. O acúmulo de doentes, o sombrio da dependência que fica no andar térreo – e o pátio interno é quase ocupado pelo pavilhão das latrinas de ambos os andares – tirando-lhe a luz, tudo isso lhe dá a má atmosfera de hospital, de emanações de desinfetantes, uma morrinha terrível. (BARRETO, 2017, p. 164)

Possuidor de um olhar crítico, o autor descreve o perfil dos internos. Para Candido Lima Barreto se vê nos loucos como em um espelho, assim, compara-se aos demais pacientes, muito semelhantes na infelicidade, quando observa a condição a que estão expostos os pacientes na seção dos indigentes.

O espelho assume o compromisso por solidariedade. O sentimento de participar da mesma humanidade frágil, sujeita à marginalização da prostituta, ao esmagamento do pobre, à alienação do insano, faz por contágio que o sentimento pessoal se torne verdade para os outros; e a verdade dos outros, experiência pessoal. (Candido, 1989, p. 49)

O espelho representa a capacidade de se reconhecer no outro, de reconhecer a condição humana, frágil. Lima Barreto utiliza a literatura para relatar que a maioria dos acometidos pela loucura pertence às “camadas mais pobres da nossa gente pobre” (BARRETO, 2017, p.38), em suas mais variadas origens; e eleva o tom ao expor que havia diferenças de tratamentos que poderiam ser influenciadas pela situação financeira do paciente:

Não há dinheiro que evite a morte, quando ela tenha de vir; e não há dinheiro nem poder que arrebate a loucura de um homem. Aqui no Hospício, com as suas diversas divisões de classes, de vestuário etc., eu só vejo um cemitério: uns estão de carneiro e outros de cova rasa. (BARRETO, 2017, p. 74)

Sua crítica vai além das situações vivenciadas em sua estadia, expõe sua posição perante os “uroxicidas”. No *Diário do Hospício*, o autor revela a presença de pessoas que cometeram tal crime. Em seu julgamento, há aquele que delira, há aquele que o fez em

um momento de desatino e há aquele que parece não ter nada: “O outro uroxicida militar parece-me não ter nada. Creio que está aqui para fugir a cárcere mais duro” (BARRETO, 2017, p. 73). O termo atualmente equivalente seria *feminicida*, que representa crime igualmente repugnante, como nos dias de Lima Barreto. Aliás, o tema é recorrentemente visitado pelo autor nas obras “Não as matem” (1915), “Lavar a honra, matando?” (1918), “Os matadores de mulheres” (1918), “Os uroxicidas e a sociedade brasileira” (1919), “Mais uma vez” (1920) e “Coisas jurídicas” (1921). (BARRETO, 2017, p. 71)

As narrativas, tanto na voz Lima Barreto, quanto de Vicente Mascarenhas, narram o contexto de suas internações relatando o cotidiano do hospício sob a ótica do paciente, trazendo à luz fatos até então desconhecidos da sociedade sobre as condições dos internos, do tratamento, dos sofrimentos e das angústias vividas dentro das paredes do Hospital Nacional dos Alienados. Por eles, se pode observar que pouco mudou no tratamento psiquiátrico no início do século XIX.

6 O alcoolismo e a hereditariedade do século XIX

Como visto no *Tratado de hereditariedade* (1850) de Prosper Lucas, o alcoolismo antes de ser visto como um problema social, foi considerado dentro da ciência vigente no século XIX como sendo uma questão de pré-disposição genética. Este foi um tema bastante explorado por Lima Barreto, como em uma das falas do personagem Vicente Mascarenhas, que questiona: “Que culpa oculta haveria em mim no tenebroso destino que eu augurava para o meu pequeno? A tal hereditariedade dos sábios...” (BARRETO, 2017, p. 188) – e, seguindo o raciocínio, considera que a origem se dá por credence popular, que passara a ser ratificada como uma questão de fé e aceita pelos estudiosos.

Devido ao consumo assíduo de bebidas alcoólicas e por episódios de alterações comportamentais importantes, o irmão de Lima Barreto avalizou sua segunda internação. Afastado do consumo habitual do álcool, o escritor recupera sua “serena lucidez”, como definida por Alfredo Bosi (BOSI, 2017, p. 7), e passa a realizar anotações sobre os acontecimentos desde os primeiros momentos de sua internação, demonstrando

conhecimento de seu diagnóstico e as origens de seus problemas: “De mim para mim, tenho certeza de que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio.” (BARRETO, 2017, p. 34).

Mas a internação revela possuir atrativos para Lima Barreto, este período lhe poderia ser útil sob um ponto de vista: “Aproveitar esse descanso que o álcool e as apreensões da minha atribulada vida não me dão” (BARRETO, 2017, p. 45). Em uma de suas consultas médicas, o escritor é orientado sobre as consequências de seu vício e recomendado a evitá-lo para que pudesse melhorar sua condição de vida. Mais uma vez, consciente de suas dificuldades, relata em tom de desespero sua impotência diante do vício:

Oh! Meu Deus! Como eu tenho feito o possível para extirpá-lo e, parecendo-me que todas as dificuldades de dinheiro que sofro são devidas a ele, e por sofrê-las é, que vou à bebida. Parece uma contradição; é, porém, o que se passa em mim. Eu queria um grande choque moral, pois físico já os tenho sofrido, semimorais, como toda espécie de humilhações também. (BARRETO, 2017, p. 46)

Em sua visão, os acontecimentos oriundos da loucura de seu pai, as frustrações vividas por não conseguir concretizar seus anseios pessoais, seu sofrimento pelo vício causaram um grande impacto em sua vida, e somente um choque de maior intensidade talvez lhe apresentasse uma nova expectativa para sua vida e o “tirasse dessa imunda bebida que, além de me fazer porco, me faz burro.” (BARRETO, 2017, p. 46)

A partir da leitura de *O crime e a loucura* (Maudsley) Lima Barreto elabora um decálogo para melhor administrar sua vida, entre elas, o conselho de não consumir bebida alcoólica para, assim, evitar a loucura, segundo os conselhos de Maudsley. Porém, este é um de seus arrependimentos por não o ter seguido. O caminho que o levou à bebida passa pelas condições econômicas e familiares desfavoráveis, inseguranças pessoais em não conseguir alcançar seus objetivos. Para contrabalançar, procurou nas noitadas suavizar suas frustrações, e passou a consumir o chopp, o whisky, a cerveja e, com a falta de dinheiro, logo passou para a cachaça de maneira desregrada. Com o consumo crescente, o escritor relata ter vivido situações vexatórias, tendo, inclusive, tido experiências com a polícia por conta de suas bebedeiras antes de suas internações. Algumas destas experiências envolveram dormir em capinzais, praças, ser assaltado, entre outras: “Não

me preocupava com o meu corpo. Deixava crescer o cabelo, a barba, não me banhava a miúdo. Todo dinheiro que apanhava bebia. ” (BARRETO, 2017, p. 52)

Ciente das consequências e de seu estado de saúde, Lima Barreto pondera que não poderá voltar a ser internado pela terceira vez; caso aconteça, será porque sua condição terá deteriorado ainda mais e o resultado não poderá ser outro, senão, a morte e o cemitério de São João Batista.

7 Infortúnios hereditários de Lima Barreto

A lei do ventre livre (1871) foi a primeira lei abolicionista no Brasil, que culminou com a abolição da escravatura em 1888. Com o fim da escravidão em território brasileiro acabou o direito de propriedade de uma pessoa sobre a outra, mas não a ideia de inferioridade entre as raças. Havia o pensamento de uma hierarquia racial em que os negros e mestiços continuavam inferiores. Com status de ciência, a eugenia foi um termo criado por Francis Galton (1822-1911), significando “bem-nascido” (GODIM, 1998 p. 1). Assim, eugenia seria "o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente" (GODIM, 1998 p. 1). Para Galton, a reprodução entre pessoas possuidoras de características degenerativas (aquelas as quais podem causar deterioração progressiva da saúde) estaria fadada ao fracasso, prejudicando a raça e produzindo indivíduos miscigenados que comprometeriam o desenvolvimento de uma sociedade. Dessa maneira, o Brasil, devido as suas condições históricas e sociais apresentava problemas crônicos de doenças contagiosas, alcoolismo, pobreza e, possuindo em sua população muitos representantes da raça negra e mestiços, se transformou em terra fértil para a disseminação do pensamento eugenista. Neste cenário, nasceu Affonso Henrique de Lima Barreto, filho de pais mestiços, de mãe vítima da tuberculose e pai alcoólatra e posteriormente acometido pela loucura, panorama que acompanhou sua vida e sua obra.

Lima Barreto viveu sua infância acompanhando sua família nas várias mudanças que visassem melhores condições de tratamento para sua mãe, muitas vezes em bairros

suburbanos, nos anos que antecederam a libertação dos negros escravizados. Assim, conheceu o racismo inserido na sociedade do final do século XIX. Para Lília Schwarcz, o “Lima menino rapidamente notou que a ‘cor social’ faria muita diferença na sua história na Politécnica” (SCHWARCZ, 2017, pos. 2936). Diferença que marcou a vida do escritor, o tema foi rememorado em diversas obras de Lima Barreto – não raro, seus personagens eram negros, funcionários públicos e vítimas de alguma situação de preconceito ou discriminação social, residentes em áreas suburbanas.

Nas descrições do ambiente manicomial, ainda que houvesse pessoas brancas e ricas, Lima Barreto deixa claro que a grande maioria dos alienados eram pobres – “Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa pobre gente.” (BARRETO, 2017, p. 38) – e em grande parte negros – “Devido à pigmentação negra de uma grande parte dos doentes ali recolhidos” (BARRETO, 2017, p. 168). Possuidor de uma postura crítica, defende seus posicionamentos em relação aos temas sociais destacando a presença de pacientes de origens humildes e negros, como também das condições do tratamento a que eles eram submetidos. O racismo presente na sociedade era fator determinante para a manutenção da maioria dos institucionalizados, além da condição financeira.

Em *Cemitério dos vivos*, o autor questiona fortemente a teoria eugenista. Ao relatar o caso de um júri de um indivíduo “alcoólico, rixento, mais de uma vez processado por ferimentos graves e leves” (BARRETO, 2017, p. 125), critica a ciência moderna quando a relaciona ao dito popular “tal pai, tal filho”. Lima Barreto discorre sobre os fatores que podiam desabonar a hereditariedade das propriedades degenerativas. Para ele o alcoolismo era uma circunstância de hábito e vício que poderia estar presente em um pai e não permanecer em um filho, e vice-versa e até um questionamento sobre a possibilidade de o vício produzir alterações nas células fecundantes e ser transmitido para o filho. Tais argumentos são utilizados para desacreditar a pseudociência vigente.

Ainda sobre a hereditariedade, o autor faz uma reflexão sobre a longa e emaranhada rede de antepassados de cada pessoa, na qual certamente haveriam de acontecer alterações para qualquer desatino (a loucura, o vício, dentre tantos outros). Assim sendo, conclui que: “A explicação por hereditariedade é cômoda, mas talvez pouco lógica” (BARRETO, 2017, p. 169). Mesmo assim, a hereditariedade fazia parte das

preocupações de Lima Barreto, aparecendo, por exemplo, na dúvida lançada por Vicente Mascarenhas sobre a presumível culpa que pudesse ter pela doença do filho:

Ele me disse que sim, que tinha uns ataques; mas não eram epiléticos, e emendou a confissão de vícios seus, que me encheram de desgosto e tristeza. Não era só por ele; era também pela minha descendência que eu sofria particularmente. Que culpa oculta haveria em mim no tenebroso destino que eu augurava para o meu pequeno? (BARRETO, 2017, 188)

A intensa argumentação da personagem sobre os efeitos da hereditariedade genética sobre suas desgraças pessoais demonstra o quão grande era o incômodo causado pela possibilidade de ter recebido esta herança e de ter passado adiante a seus possíveis herdeiros.

8 Lúcida lucidez

Na noite de Natal de 1919, Lima Barreto chega, pelas mãos da polícia, alcoolizado e delirante ao Pavilhão de Observação do Hospital Nacional dos Alienados. Alguns dias após sua internação, e recomposto dos efeitos da embriaguez, ele começa a registrar em anotações suas observações sobre o funcionamento interno da instituição manicomial, com relatos sobre os profissionais e funcionários, os pacientes, as condições higiênicas e sanitárias, descrições arquitetônicas dos prédios e seu estado de conservação e, sobretudo, seus pensamentos sobre sua condição. Sobre o *Diário do hospício*, Alfredo Bosi observa: “O que me impressiona é o efeito de serena lucidez que sai destas páginas escritas em um asilo de alienados” (BOSI, 2017, p. 7). Em suas observações, Lima Barreto demonstra consciência de que não é louco e que o uso abusivo do álcool às vezes o faz delirar. Pelo conhecimento científico da época, não havia uma definição segura sobre o tema loucura, por isso muitas vezes o diagnóstico era equivocado. Dessa maneira, a “associação entre alcoolismo e estados de demência, alcoolismo e moléstias mentais, era frequente, identificando o vício da bebida como responsável pelo surgimento da loucura em alguns indivíduos” (SANTOS; VERANI, 2010, p. 402). A ciência dizia que o alcoolismo poderia

causar um estado de demência, que poderia ou não desaparecer com a interrupção do uso da bebida. No caso de Lima Barreto, a primeira hipótese se aplicaria.

Os relatos acontecem em narrativas no tempo presente – “Hoje é segunda-feira.” (BARRETO, 2017, p. 70) – ou passado recente – “Ontem, matou-se um doente, enforcando-se.” (BARRETO, 2017, p. 68) – às vezes ressaltando que a escrita se deu durante sua internação – “Cá estou eu na seção Calmeil há oito dias.” (BARRETO, 2017, p 47). As narrativas propiciam ao leitor a visualização do contexto dos fatos e dos diálogos, tamanha a concentração de detalhes, seja nas consultas, seja nas conversas com os funcionários ou com seus companheiros de desventura. Lima Barreto demonstra ter domínio de sua memória ao comparar a internação presente com a ocorrida no ano de 1914, em relação ao tratamento dado pelos funcionários, as diferenças entre a estrutura do prédio e as alterações que aconteceram entre um período e outro e fatos ocorridos naquela ocasião. O comentário sobre a biblioteca e seu acervo demonstra a capacidade de sua memória e seu raciocínio:

O hospício tem uma biblioteca; antigamente, isto é, há cinco anos, quando aqui estive, estava nos fundos da seção, em uma pequena sala. Tinha uma porção de livros, até um Dostoiévski lá havia e um excelente dicionário das literaturas, de Vapereau, que eu lia com muito agrado; atualmente, porém, conquanto tenha pequenas mesas, meia dúzia, próprias para ler e tomar notas, duas cadeiras de balanço e duas espécies de divãs (estas últimas peças já existiam), não possui mais a mesma quantidade de livros, e a freqüência é dos delirantes, que lá vão dar pasto a seu delírio, berrar, gritar, fazer bulha com as cadeiras sobre o assoalho, não permitindo nenhuma leitura. (BARRETO, 2017, p. 83)

As observações de Lima Barreto não se restringem apenas às questões relacionadas aos ambientes ou estruturas, mas também emitem pareceres sobre as doenças e os comportamentos dos pacientes. O escritor conviveu grande parte de sua vida com o tema da loucura, ao qual destinou suas atenções para estudos e aprendizados:

Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só. Há os que deliram. Há os que se concentram num mutismo absoluto. Há também os que a moléstia mental faz perder a fala ou quase isso. Quando menino, vi muitos loucos e, quando estudante, muito conversei com os outros que essas coisas de sandice estudavam sobre eles, mas, pela observação direta e pelo que li e ouvi dos entendidos, percebi bem a perplexidade deles em face de tão angustioso problema de nossa natureza. (BARRETO, 2017, p. 55)

Este conhecimento lhe foi útil para desenvolver sua observação e propor teorias, como por exemplo, o caso em que cita um jovem que era um ótimo exemplo de portador

de patologia e que, quando jogava bilhar: “naquele momento o delírio ou a loucura cessava” (BARRETO, 2017, p 59). Ou quando afirma que “A loucura dá intervalos.” (BARRETO, 2017, p. 59), ao opinar sobre um jovem que delirava continuamente, mas explicava perfeitamente a aritmética. Assim, suas experiências permitiram arriscar a proposição de teorias sobre os casos de seus companheiros de internação. Além disso, Lima Barreto partia dessa experiência ao defender que, para ele, a loucura não tinha cura e que não acreditava no parecer sincero dos médicos: “Conheço loucos, médicos de loucos, há perto de trinta anos, e fio muito que a honestidade de cada um deles não lhes permitirá dizer que tenha curado um só” (BARRETO, 2017, p. 74).

Diante desta capacidade de observação e de raciocínio com ideias bem organizadas, Lima Barreto busca transmitir ao seu leitor a justificativa de que sua estadia no manicômio é despropositada, diante de um estado de lucidez que apresenta em seus pensamentos lógicos e organizados, com boa articulação de sua memória, recente e antiga. Talvez como estratégia para a promoção de sua obra, como para destacar sua injustificada internação, em entrevista ao jornal *A Folha*, de 31 de janeiro de 1920, ainda internado, convida aos leitores para a leitura de *Cemitério dos vivos*:

Tenho coligido observações interessantíssimas para escrever um livro sobre a vida interna dos hospitais de loucos. Leia *O cemitério dos vivos*. Nessas páginas contarei, com fartura de pormenores, as cenas mais jocosas e as mais dolorosas que se passam dentre destas paredes inexpugnáveis. Tenho visto coisas interessantíssimas. (BARRETO, 2017, p. 234)

Na obra *Diário do Hospício* o escritor procura em seu texto demonstrar estar lúcido e que, sendo assim, o seu problema é o álcool, revelando sua plena consciência de que não é louco. O tratamento ofertado naquele momento não diferenciava a doença mental e o alcoolismo, e o diagnóstico muitas vezes pode ter acontecido erroneamente. Talvez, o caso de Lima Barreto se apresente como único, na condição de paciente de manicomial capaz de produzir relatos que, dotados de lucidez, oferece a oportunidade para o conhecimento do tratamento ofertado para a doença mental no início do século XX nas páginas da literatura brasileira.

9 Considerações finais

As obras fundamentalmente autobiográficas de Lima Barreto oferecem voz a um grupo de marginalizados que, como vimos, foi do interesse da sociedade ocultá-los dentro dos muros dos sanatórios a partir do século XIX. Comportamento que perdurou até o final do século XX; e, ainda, a temática da loucura apresenta grandes desafios para a saúde pública brasileira. Essa voz de Lima Barreto assume o tom de testemunho quando apresenta toda sua experiência vivenciada na internação manicomial relatada em *Diário do Hospício* e é trazida e recriada em *Cemitério dos vivos* como um relato do funcionamento interno do manicômio; e pode ser entendida como um grito, tamanho alcance e importância que ocupam dentro da literatura brasileira.

“De mim para mim, tenho certeza que não sou louco”³ – com esta lúcida certeza Lima Barreto inicia seu diário na condição de testemunho daquele que vive, que sofre e que pensa dentro do local que o está privando de sua liberdade, mas não de sua intelectualidade, mantendo-se sereno e alheio à loucura que o cerca.

Não há como pensar em Vicente Mascarenhas sem fazer a conexão com Lima Barreto, não há como desvencilhar *Cemitério dos Vivos* de *Diário do Hospício*. Utilizando uma linguagem acessível, Lima Barreto mantém o foco crítico e a descrição do cotidiano, do lugar, dos funcionários, da relação médico paciente, da origem humilde e pobre dos pacientes, de seu alcoolismo, da questão racial sendo os negros a maioria dos pacientes, das condições insalubres a que estão sujeitos os pacientes. Esta é uma literatura que assume a sua função de denúncia social, marcante na obra de Lima Barreto.

As obras carregam um ar de atualidade. Prestes a completar um século de sua morte, a crítica do autor a questões raciais, pobreza, violência contra a mulher, ao segregacionismo que, se hoje não acontece pelos muros do manicômio, permanecem atuais na moderna sociedade brasileira. O alcoolismo continua a vitimar Limas Barretos país afora.

³ BARRETO, 2017, p. 34

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Marco Antônio. **Para mim, Paraty - Alcoolismo e loucura em Lima Barreto**. SMAD, Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil, v. 4, n. 1, 2008. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/803/80340109.pdf>> Acesso em: 10/09/2020
- ASSIS, Machado. de. **O Alienista**. Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994, v II.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do hospício; O cemitério dos vivos**. – 1º ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BOSI, ALFREDO. O cemitério dos vivos: testemunho e ficção. In: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do hospício; O cemitério dos vivos**. – 1º ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. Ed. Ática, 1989, ISBN 85 08 01725 1
- FACCHINETTI, Cristiana.; RIBEIRO, Andréa.; MUÑOZ, Pedro. F. de. **As insanas do Hospício Nacional de Alienados**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.231-242, jun. 2008.
- GOLDIM, José Roberto. **Eugenia**. (1998) Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bioetica/eugenia.htm>> Acesso em: 20/02/2021
- GOMES, Laurentino. **1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil**. 5. ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007. O Rio de Janeiro, ISBN 978-85-7665-320-2.
- MIRANDA-SÁ JÚNIOR, Luiz Salvador de. **Breve histórico da psiquiatria no Brasil: do período colonial à atualidade**. Rev. Psiquiatr RS, [S. l.], 29(2), p. 156-158, 2007. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/rprs/v29n2/v29n2a05>> Acesso em: 10/09/2020
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo.; DALGALARRONDO, Paulo. **História das primeiras instituições para alienados no Brasil**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 3, p. 983-1010, set.-dez. 2005. — Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12n3/19.pdf> > Acesso em: 10/09/2020
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo.; DALGALARRONDO, Paulo. **O início da assistência aos alienados no Brasil ou importância e necessidade de estudar a história da psiquiatria**. História da Psiquiatria, Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., ano VII, n. 1, p. 128-141, 1 mar. 2004. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/rlpf/v7n1/1415-4714-rlpf-7-1-0128.pdf>> Acesso em: 10/09/2020

SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos; VERANI, Ana Carolina **Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil no início do século XX**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.17, supl. 2, dez. 2010, p. 401-420. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v17s2/08.pdf>> Acesso em: 10/09/2020

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: Triste Visionário**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. *E-book Kindle* (1050 p.). ISBN 978 -85 -438 - 0989 - 2.